

## **É Carnaval! ... mas não falta o futebol!**

*Pedro Luís de Araújo Braga*

Carnaval e futebol: uma festa popular e um evento, também popular, que tornaram o Brasil conhecido mundo afora. Sem dúvida, caracterizam um povo alegre, irreverente, que sabe sublimar suas dificuldades. O segundo deles – o futebol – leva aos estádios (que hoje chamam de “arenas”) milhares de aficionados, alguns verdadeiros fanáticos, para torcer pelos milionários jogadores do time de sua preferência. O primeiro – o carnaval – faz o Brasil parar durante, no mínimo, três dias para as folias momescas em ambientes fechados (clubes) e nas ruas, nos blocos, que voltaram com toda força e hoje conseguem seduzir milhares de foliões.

Muitos talvez pensem que, pelo seu vulto, ambos, carnaval e futebol, são invenções brasileiras. Puro engano! Só que aqui adquiriram dimensão considerável, sendo aperfeiçoados e capazes de atrair multidões. Envolvem rios de dinheiro, que falta para outras coisas.

Não quero falar muito sobre o futebol, importado da Europa, para onde, hodiernamente, exportamos jogadores, atraídos por somas fabulosas de dólares e por projeção internacional. Torcedor também, mas sem fanatismo, do esporte que meu pai jogou no Andaraí, na época do amadorismo e cujo dom eu dele não herdei, já vivi, como muitos, de febricitante alegria com a conquista de Copas pelo nosso país. Mas me lembro ainda, com tristeza, do dia em que quis quebrar o pequenino rádio de ondas longas, o único que possuía, em 1950 e no Rio Grande do Sul onde morava, quando o Brasil perdeu, no Maracanã recém construído e diante do Uruguai, a Copa do Mundo. E, mais recentemente, outra vez “em casa”, quando foi massacrado pela Alemanha por 7x1, na última Copa. Foi inacreditável! Humilhante! Já ouvi comentários de uma pessoa ligada a esse esporte a dirigentes e outras personalidades do ramo que aquela vergonha – para nós – fora previamente combinada. Haveria sido? Argumentei que julgo ser impossível corromper todo o time, mesmo porque alguns jogadores esforçaram-se verdadeiramente para ganhar, mas tal crítico rebateu explicando que basta “comprar” três jogadores – o goleiro e dois defensores – e o técnico. Fica a suspeita, que sei ser de muitas pessoas também, mas não a endosso.

Volto então ao Carnaval. Não à festa momesca de nossos dias, gigantesca, impressionante, cheia de criatividade, que contagia milhares de participantes e de assistentes – muitos dos quais turistas – e que faz circular somas fabulosas de recursos financeiros. Tampouco ao Carnaval que se celebrava na Antiguidade, na Babilônia talvez, uma festa pagã, de duração variável, mas a um embrião do evento atual e que se expandiu durante a Idade Média com a introdução de máscaras, em especial na Europa.

Eram festejos nos quais não faltava um componente crítico de insubordinação e de inversão de papéis sociais. Muitos carnavais foram a semente de revoltas bem-sucedidas. Serviam para distrair o povo e tirar o foco do que ocorria na sociedade, pois, historicamente, o Carnaval proporciona um momento de catarse aos que se sentem oprimidos.

Os bailes de máscaras, em que muitos se divertiam na esperança de não serem identificados, tornaram-se eventos característicos em clubes, nos dias de Carnaval, no Brasil e alhures.

Há que registrar também o que concluiu uma pesquisadora da Universidade de Harvard, nos EUA: muitas vezes, tais festas populares foram uma sátira do que é sagrado e da hipocrisia que frequentemente a acompanhavam. Daí as paródias assaz obscenas e ofensivas que eram cantadas.

O Carnaval foi trazido para o Brasil durante a colonização. Aqui cresceu, tomou nova forma, foi-se tornando *sui-generis*, suntuoso e inigualável em todo o orbe. Capaz de atrair viajantes de toda a parte e de ser um dos traços que identificam o País, como já mencionei antes.

Quero aqui lembrar o Carnaval dos anos de 1930, dos anos de minha já remota infância, especialmente em Vila Isabel, no Bairro Canção da (então) Cidade Maravilhosa, um bucólico e tranquilo logradouro de classe média, onde nasci e fui criado. Era uma festa de fato popular, sem malícia, quando o governo não distribuía preservativo incentivando a prática do sexo. O lança-perfume era vendido livremente, como o confete e a serpentina, pois era usado apenas para surpreender outros, em geral moças, com aquele jato gelado e cheiroso, característico, e não para ser inalado e deixar o folião mais “aceso”. Quero recordar o carnaval precedido pelas “batalhas de confete” em certas ruas, para esquentar o ânimo dos foliões. E falar do “corso”. Sabem os leitores mais jovens o que era o “corso”? Era o desfile – vou chamar assim – dos automóveis de passeio de então, conversíveis, cujas capotas de lona eram levantadas, dobradas e colocadas atrás do banco traseiro, sobre o porta-malas, e onde foliões se sentavam e dali cantavam, tocando pandeiro, tamborim, chocalho e outros instrumentos típicos da festa, enquanto os motoristas dos carros – os únicos que não se divertiam – como em desfile ou em comboio, faziam-nos trafegar pela Av. 28 de Setembro, da Praça Sete ou Barão de Drummond ao Largo do Maracanã, ida e volta, pelas pistas respectivas daquele logradouro.

Blocos inteiros, muitos com trajes idênticos, brincavam nos bondes, durante o trajeto entre os bairros e o centro da cidade. E havia, em muitos bairros, os “blocos dos sujos”, integrados, em sua maioria, por adolescentes que trajavam roupas velhas, rasgadas, extravagantes, manchadas e sujas mesmo, homens com camisolões, sem qualquer

compromisso com a estética e a combinação de cores. Cantavam e dançavam, enquanto se movimentavam pelas ruas. Só alegria! Tudo era simples, alegre, sem imoralidades. Vem-me à lembrança um casal de amigos de meus pais, desde o tempo em que todos eram solteiros, foliões incansáveis, que durante o tríduo momesco se separavam para brincar, cada um no seu bloco, sem maldade e sem adultério.

Naquela época, e até pouco tempo atrás, havia os bailes nos clubes, alguns deles famosos, como o do Teatro Municipal, o do Copacabana Palace e o do Monte Líbano, três dos mais luxuosos e que tinham até concursos de fantasias, mostrados na TV e dos quais participavam conhecidos homossexuais.

Para os afoitos, amantes da libertinagem, havia os bailes populares do Highlife, um clube na Glória, no qual, a portas fechadas, homens e mulheres livres davam vazão até a seus instintos carnavais.

Na Av. Rio Branco, quando a Presidente Vargas ainda não existia, havia o desfile dos ranchos, na segunda-feira à noite e, encerrando os festejos, no dia seguinte, o das Grandes Sociedades – Democráticos, Fenianos, Tenentes do Diabo, Pierrôs da Caverna, entre outros – estes com carros alegóricos. Todos submetidos a julgamento, com prêmios.

Da simbiose dos dois desfiles nasceram as escolas de samba de hoje, que primam pela criatividade, riqueza e empolgação, agora no Sambódromo, construído para tal. Disputam acirradamente a classificação, que implica prêmios.

Mas o Carnaval de hoje, que não impediu a realização de partidas de futebol em um de seus dias, à tarde, já não se restringe ao tríduo momesco. Acabaram as batalhas de confete, mas no sábado seguinte, no Rio de Janeiro, há o desfile das escolas de samba campeãs; em Brasília, na Quarta-Feira de Cinzas, sai o bloco do “Pacotão”, crítico e irreverente; também em Recife e em Olinda, nesse mesmo dia, aparecem os blocos dos que não puderam brincar antes; no Rio Grande do Sul, havia – não sei se persiste –, no domingo seguinte, o “Carnaval da Pinhata”. Possivelmente, há também festas semelhantes em outras cidades, como um prolongamento do Carnaval que não quer despedir-se. Daí dizer-se que, no Brasil, o ano de trabalho só começa realmente depois do Carnaval.

A pergunta que não quer calar é esta: com a crise econômico-financeira que atravessamos e a todos afeta; com os casos incessantes e quase diários de corrupção, levando à prisão políticos, empresários, ministros, juízes, etc.; com um Poder Legislativo desprezado pelo povo, tido como inconfiável; com uma justiça lenta, cheia de graus de recursos, o que faz com que culpados levem anos para serem condenados; com a existência de foro privilegiado, defendido ardorosamente por conhecidos transgressores; com a violência urbana e o desamor presentes na sociedade e com muitas outras mazelas cuja listagem encheria a página de um

livro, há clima para festejar o Carnaval? Pode não haver, mas esse evento tem o poder mágico de fazer sublimar todos os sofrimentos, todas as vergonhas e repulsas, pois constitui uma oportunidade para “botar para fora”, exteriorizar, toda a revolta que vai n’alma do brasileiro em geral.

Não devo omitir, outrossim, o que presenciei no Oriente Médio, na década de 1960, onde me encontrava, especificamente na Faixa de Gaza, em sua Força de Emergência, que se desdobrava entre árabes e israelenses, um período de dez anos quando houve, de fato, paz naquela região: brasileiros, quase sem cessar, faziam tocar um LP que continha uma alegre, bem orquestrada e melodiosa música, que provocava imensas saudades da Pátria distante. De autoria do então chamado Jorge Ben e por ele interpretada, dizia assim: “Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza. Em fevereiro tem carnaval...”

É, de fato, o Carnaval faz, há muito, o *marketing* do Brasil, junto com o futebol. É muito pouco! Hodiernamente, foram acrescentadas a corrupção deslavada e a impunidade, que vão além das fronteiras e que nos envergonham. Gostaríamos de ser conhecidos internacionalmente como um povo alegre, hospitaleiro, sim. Mas também por valores cultivados pelos brasileiros, pela ordem e pelo progresso estampados em nossa Bandeira, por um desenvolvimento científico e tecnológico considerável, pela paz reinante em nosso território, pelo número de prêmios Nobel conquistados (temos algum?) pois, como escreveu há dias conhecido colunista de um matutino carioca, “somos um país gigante, mas a serviço de uma tribo de pigmeus gulosos e incansáveis”.

Se tudo é feito para esticar o Carnaval, também o baile de máscaras prossegue, incessante, quase permanente pois ele serviu de inspiração para marginais de “colarinho branco”, que se divertem às custas de dinheiro do povo. Porém, de tão contumazes e conhecidos, os arlequins, pierrôs e até colombinas já não encontram máscaras capazes de esconder suas caras deslavadas, pálidas, macilentas, sem brilho, como de portadores de um câncer moral, verdadeiras “caras de pau”.

Esse é o panorama do nosso País, como visto, cheio de contrastes. A realidade, nua e crua, é que grande parte da população não pode ombrear-se aos patriotas do passado, reverenciados, com gratidão, pela parcela sadia do povo, que os tem como exemplos. Está, então, tudo perdido? Não! A recuperação moral é difícil, penosa, demorada. É preciso persistência, entusiasmo, espírito patriótico. Mas é possível.

Tal como o passarinho, que em face de um incêndio na floresta voava várias vezes até um ribeiro próximo, enchia sua boquinha de água e a lançava no fogo, vamos, cada um de nós, fazer a nossa parte? Acabar com essa força devastadora que tudo consome, que nos martiriza e nos envergonha.

“Ai! Que saudades da Amélia!”, dizia velha e inesquecível canção carnavalesca do passado. Houve tempos melhores em nosso Brasil!



*Pedro Luiz de Araújo Braga é General-de-Exército Reformado, membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).*